

APRESENTAÇÃO – Dossiê: Manifestações estéticas do humano na literatura
portuguesa

Este dossiê propõe um objetivo tão instigante quanto ambicioso, que é adentrar as manifestações estéticas do humano na literatura portuguesa. Para Nietzsche, a estética e a ética eram vistas em encadeamento constante, interligando-se e entrelaçando-se para gerar devires ativos. Vista como força construtora e potencializadora de movimentos, a estética sobrepõe-se à moral fascista dos tempos modernos, que insiste em aplicar formas rígidas ao abordar o sujeito humano.

Através das potências plásticas e transfiguradoras da estética – aplicadas, aqui, à estética da linguagem – o sujeito humano pode se expressar de maneiras diversas e dinâmicas. A linguagem pode, então, passar a ser contemplada em toda sua potência e plenitude, revelando movimentos, subjetividades e intensidades que outrora passavam despercebidas e desencantadas a nosso olhar.

No artigo “A mim ensinou-me tudo: o (re)nascimento do homem estético – uma leitura do poema VIII de **O guardador de rebanhos**, de Alberto Caeiro” a autora Emília Passos de Oliveira Bezerra evoca a estética de Schiller para melhor compreender a figura de Jesus Cristo como a imagem de reintegração do Ser consciente, na obra do heterônimo pessoano. Mas não são apenas homens estéticos que (re)nascem: também buscou-se enfocar as subjetividades discursivas de mulheres, conforme os artigos “Como pode a filha parar de dizer — Espere?": lingua(gem) e construção identitária em **A manta do soldado**, de Lídia Jorge”, de Rita Gabrielli, e “Retratos em preto e branco, figurações do humano, **Nas tuas mãos, revelado?**”, de Carina Dartora Zonin, que propõe um entendimento para além das aparências humanas na obra de Inês Pedrosa.

A terra fértil de simbolismos e complexidades nas obras de Juraci Dórea e Miguel Torga é escavada por Clarissa Moreira de Macedo em “O telúrico em Juraci Dórea e Miguel Torga: um terceiro espaço”. Para além das terras fecundas lusitanas, estendem-se os sabores da cozinha de Eça de Queirós, no artigo “**O Crime do Padre Amaro**: Eça de Queirós e sua cozinha literária”, de José Roberto de Andrade, e da musicalidade de Zeca Afonso, no artigo “Zeca Afonso, poesia e entoação: revolução ética e estética na música popular portuguesa”, de Aline Duque Erthal.

Penso que a literatura portuguesa, essa amiga tão sábia quanto antiga dos brasileiros, faz-se cara neste momento em que nos debruçamos para entender os diversos micro fascismos que permeiam a vida política de nosso país. Mas, enquanto avançamos desamparadamente a um futuro incerto, podemos, ao menos, nos permitir momentos de fruição contemplativa, gentilmente propiciados por essa amizade ancestral banhada por águas atlânticas. Assim como podemos nos deixar encantar pela subjetividade dos relatos dos navegantes, dos sabores e das canções trazidas por suas ondas.

Belo Horizonte, 7 de outubro de 2016.

Denise Borille de Abreu
Editora-Chefe da Revista ContraPonto